

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
AS COMPARAÇÕES DO BARÃO

Mary Neiva Surdi da Luz (UNOCHAPECÓ)

O NOVO BARÃO

A função da comparação

Para Vogt (1977), o enunciado comparativo é uma estrutura que semanticamente se analisa em termos de tema-comentário. O comentário se apresenta como um argumento 'em favor' do tema. O tema e o comentário são permutáveis do ponto de vista sintático, mas não do ponto de vista argumentativo. Se B é um argumento favorável a A, então, A é um argumento desfavorável a B. É essa particularidade que dá à comparação seu caráter argumentativo por excelência.

Ao dizer que 'João é tão inteligente quanto Einstein', a inteligência de Einstein é dada como um argumento favorável à inteligência de João. Ou seja, a inteligência de João (A) é o tema e a de Einstein (B) é dada como um comentário à primeira, a partir do sentido de B se constrói o sentido de A. Na comparação não se estabelece uma relação de equivalência matemática entre os objetos, mas a determinação de um objeto em referência a outro. Para determinar A em relação a B é necessário conhecer a relação entre A e B, sendo então necessário conhecer tanto A como B.

Para efeitos de análise, adotar-se-á neste trabalho os seguintes termos: o primeiro termo da comparação (A), que corresponde ao tema, será chamado de termo comparado; o segundo termo da comparação (B), que corresponde ao comentário, será chamado de termo comparante.

Page (1996) estudando as comparações do espanhol observa que as comparações mais abundantes são aquelas que se referem a qualidades (virtudes ou defeitos) ou a aspectos físicos dos objetos comparados; e entre os termos comparantes abundam os que se referem ao reino animal, vegetal e outros âmbitos. Em alguns casos, as variações possíveis em uma comparação são tão numerosas que se pode dizer que o paradigma parece estar em aberto. Tal fato pode ser observado especialmente nas noções que se referem ao aspecto ou forma física de pessoas ou objetos. Existe uma vasta série de elementos que servem para quantificar as noções de *tamanho grande*, *tamanho pequeno*, *leveza* etc.

Grande como uma catedral/ casa/ castelo/ palácio/ montanha/ elefante...

DEPARTAMENTO DE LETRAS

Menor que a cabeça de um alfinete/ pulga/ semente/ grão de areia/ formiga...

Mais leve que o vento/ fumaça/ pena/...

Rápido como a fumaça/ vento/ mosca/ mosquito/ formiga/ pulga...

As cores das coisas ou pessoas também são alvo de freqüentes comparações:

Vermelho como um tomate/ acerola/ cereja/ sangue/ camarão...

Branco como a neve/ leite/ cal/ papel/ cera/ cadáver...

Negro como o ébano/ betume/ carvão/ tição/ a morte/ a alma de Judas...

Ao lado dos aspectos de caráter físico apontados, a velocidade ou rapidez na execução de ações também recebem diversas comparações em virtude dos animais mais velozes ou dos objetos ou fenômenos que podem caracterizar prototipicamente de acordo com a qualidade:

Veloz como um raio/ relâmpago/ vento/ furacão/ tufão/ ciclone/ escopeta/ disparo/ bala/ trem/ avião/ lebre/ gazela...

Não se pode deixar dizer que ao se observar as séries acima, nota-se que há termos que ocorrem em mais de uma série. Cada série pode ser considerada uma categoria que seleciona os termos que são prototípicos quanto ao que se está comparando. Isso quer dizer que um objeto pode representar prototipicamente mais de uma categoria: *pulga* aparece tanto na categoria das coisas pequenas quanto na das coisas rápidas.

Uma particularidade das construções comparativas apontada por Page é o fato de que algumas parecem apresentar um grau de fixação maior do que outras, ao ponto de que quando configuradas de determinada forma (superioridade ou igualdade) não admitem a variação estrutural. Tais frases possuem um caráter proverbial e a fórmula predileta parece ser a superioridade:

Mais velho que Matusalém/ mais bonito que Adonis/ mais forte que Sansão/ mais paciência que Jó/ mais falso que Judas/ pior que o Capeta...

Como puede observarse, son sobre todo la historia sagrada, la mitología y la literatura – pero también otros campos, como el deporte – las frentes princi-

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

pales que proporcionan los personajes que, por antonomasia²⁷ representan prototípicamente los vicios o virtudes humanas que son objeto de comparación. (Page, 1996: 72)

Todas essas observações feitas por Page para a Língua Espanhola são perfeitamente aplicáveis à Língua Portuguesa, tanto que a maioria dos exemplos citados foram somente traduzidos.

Para as construções comparativas com operador de comparação explícito, pode-se dizer que a tipologia geral apresenta as seguintes estruturas: “A é mais X do que B”; “A é menos X do que B” e “A é tão X quanto B”, em que o termo comparante pode aparecer na forma de protótipos ou referenciais dêiticos.

Os protótipos

Os protótipos são definidos como os melhores exemplares das categorias por condensarem as propriedades típicas de tal categoria, são aceitos e reconhecidos por uma grande parcela da comunidade. Assim, Einstein é reconhecido e aceito como um protótipo de **HOMEM INTELIGENTE**.

Para responder à pergunta: De onde os protótipos vêm?, Rosch considera um número de possíveis respostas. Para um número limitado de categorias, a prototipicidade é uma consequência das propriedades inerentes da percepção humana.

Em uma explanação possível, e completamente intuitiva, os membros de uma categoria recebem seu estatuto prototípico porque são encontrados com maior frequência. Em seus experimentos, Rosch observou que os graus de membros de uma categoria são independentes da frequência de ocorrência dos nomes dos membros. Ela chama a atenção para se suspeitar da frequência como uma explanação da prototipicidade, uma alta frequência de ocorrência pode significar um indício antes que uma causa dela.

Outra possibilidade é que em alguns casos, o protótipo pode personificar o valor percebido de um atributo variável. Alguns atributos po-

²⁷ Antonomásia é uma figura de estilo pela qual, para designar uma pessoa, utiliza-se um nome comum no lugar do nome próprio ou nome próprio em lugar de um nome comum; p.ex., a um “idealista amalucado”, chama-se *Don Quixote* e a um “bonachão conformado”, *Sancho Pança* (nomes próprios empregados no lugar de nomes comuns). (Dubois, 1972: 58)

dem ser particularmente salientes porque são importantes em uma sociedade, como resultado desse agrupamento de atributos tem-se os protótipos.

As categorias prototípicas têm uma flexibilidade ignorada por Aristóteles para acomodar novidades e dados que não eram familiares. De acordo com a posição aristotélica, os novos dados poderiam demandar para a sua categorização, a criação de novas categorias ou uma redefinição das já existentes. Por outro lado, novas entidades e novas experiências podem ser prontamente associadas como membros periféricos para uma categoria prototípica, sem necessariamente causar nenhuma reestruturação do sistema da categoria.

De certo ponto de vista, as categorias mais eficientes, baseadas na perfeita correlação de atributos e membros, são as categorias clássicas. No entanto, para Geeraerts (1975, *apud* Taylor 1991), a rigidez das categorias clássicas pode torná-las altamente ineficientes para a cognição humana, desde que o fluxo de experiência raramente se apresenta com uma perfeita correlação entre atributos e categorias, tal como era exigido na teoria clássica. Os membros centrais de uma categoria prototípica compartilham um grande número de atributos, ao mesmo tempo, as categorias prototípicas permitem uma relação entre os membros de uma categoria que compartilham poucos atributos com o membro central. Dessa forma, as categorias prototípicas encontram a flexibilidade exigida pelo ambiente em constante mudança.

A diferença mais evidente entre as categorias clássicas e as categorias de protótipos é o fato de que aquelas permitem somente dois graus de membros: ser ou não ser, esta permite uma relação de gradação entre os membros.

Há duas formas para se entender o termo *protótipo*. O termo pode ser aplicado para o membro central ou para o agrupamento de membros centrais de uma categoria. Então, pode-se referir a um artefato em particular como um protótipo de xícara, ou alternativamente, o protótipo pode ser entendido como uma representação esquemática do centro conceptual de uma categoria.

Taylor (1991) adota a abordagem mais abstrata. Ele argumenta que, paralelamente à visão de protótipo como exemplo, é necessário postular uma representação mental do protótipo, para tornar o falante hábil em identificar o protótipo em diferentes ocasiões. Além disso, esta representação mental pode não ser especificada em relação a certos atributos dos membros da categoria. É concebível que o protótipo de CÃO seja

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

não especificado quanto ao sexo, já que cada exemplar de categoria é necessariamente macho ou fêmea. A representação interna do protótipo é em qualquer caso esquemático. Não é muito difícil dizer que o sabiá é membro da categoria PÁSSAROS, assim como dizer que a categoria PÁSSARO tem como membro o sabiá. As dificuldades surgem quando se trata de categorias mais abstratas como COVARDIA ou ALTURA.

As entidades são apontadas como membros de uma categoria em virtude de suas similaridades com o protótipo. A noção de similaridade subjaz todo o processo de categorização. Até agora, a similaridade é uma das categorias que apresenta maior dificuldade para um constructo teórico. Isto ocorre por duas razões. Primeiramente, porque a similaridade é um conceito gradual: as coisas podem ser mais ou menos similares, mas quais são as diferenças que permitem dizer que duas coisas não são similares? A segunda dificuldade está relacionada ao fato de que a similaridade é uma noção subjetiva. Uma vez que se evoca a similaridade como base para a categorização, inevitavelmente se traz a linguagem dos usuários, com suas verdades, interesses e experiências passadas.

Kleiber (1991) define protótipo como um objeto mental, esquema ou imagem cognitiva associado à palavra que se categoriza. Hurford e Heasley (1983) distinguiram *protótipo* de *estereótipo*. O primeiro corresponde ao objeto melhor exemplar e o segundo ao conceito correspondente de um objeto. O protótipo está no plano extensional e o estereótipo no plano intensional. Nem sempre esta distinção é feita e o termo protótipo é usado para designar os dois planos, isto porque um locutor pode conhecer o conceito de um protótipo de uma categoria sem conhecê-lo no plano extensional.

Para se responder por que determinado termo é o protótipo de uma categoria, diferentes respostas podem ser dadas. Para a versão padrão, o melhor exemplar é assim julgado porque possui as propriedades consideradas como típicas da categoria, o protótipo é o melhor exemplo típico (instância típica).

Ao se apelar para a noção de familiaridade, deve-se considerar que se a familiaridade fosse a origem da noção de melhor exemplar, *pintinho* deveria ser um melhor exemplar de PÁSSAROS do que *águia*, mas *águia* na escala de prototipicidade ocupa um melhor lugar que *pintinho*. A hipótese acaba por contradizer a idéia da estruturação por semelhança de família, ela não permite mais que a categorização por similaridade com o protótipo. Pode-se recorrer à frequência de uso. No entanto, Du-

bois (1983) demonstra que não há ligação entre protótipo e frequência de uso que permita concluir a determinação do protótipo pela sua frequência lexical.

Outra alternativa seria a tipicidade, o protótipo é o melhor exemplar da categoria porque ele apresenta as melhores propriedades: as que são típicas. O problema é explicar porque uma propriedade é considerada “boa”. Pela hipótese da tipicidade, o protótipo se redefine como o exemplar que resume as propriedades salientes da categoria, não é mais um exemplo da categoria, um exemplo real (protótipo-exemplo), mas uma construção abstrata resultante de operações cognitivas (protótipo-entidade cognitiva).

No caso do protótipo-exemplo as propriedades típicas da categoria são colocadas em destaque através da representação mental do protótipo-objeto. No caso do protótipo-entidade cognitiva ocorre o inverso, as propriedades típicas são a base de criação do protótipo-objeto abstrato.

Kleiber adere à concepção abstrata de protótipo, entendendo-a como uma combinação de atributos ou propriedades típicas de uma categoria e que não tem necessidade de ser comparada a um exemplar para ser pertinente. Dois fatos dão base a este posicionamento. O primeiro é a existência de mais de um protótipo-exemplo possível para uma mesma categoria e, o segundo, é que as concepções de protótipo-objeto e de protótipo-conceito de melhor exemplar acarretam o surgimento de propriedades julgadas não pertinentes para toda a categoria.

A hipótese das propriedades típicas é compatível com a idéia de semelhança de família como estrutura interna da categoria, porque permite conceber os traços de similaridade que formam a semelhança de família como sendo os traços típicos. O processo de pertencimento consiste de uma comparação global com o protótipo, concebido como a interseção das propriedades típicas da categoria: o membro central possui o melhor *air* (jeito) de família e os membros marginais possuem um número menor de atributos em comum com o membro central.

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
OS REFERENCIAIS DÊITICOS

Os referenciais dêiticos, ao contrário dos protótipos, não são reconhecidos por uma coletividade, são, geralmente, produzidos no ato de enunciação para satisfazer às necessidades momentâneas. Aparecem, principalmente, na forma de pronomes ou de advérbios. Nos dois tipos, é a partir do termo comparante que se estabelece o sentido do termo comparado.

AS COMPARAÇÕES NO “ALMANHAQUE”

O humor produzido pelas construções comparativas reside, sobretudo, na escolha dos termos em comparação. Geralmente, é o termo comparante que aciona o humor, não o ‘objeto’ a que o termo remete, mas as propriedades associadas a ele.

No “Almanhaque”, o Barão emprega nomes e fatos da história mundial e local como termos comparantes. Isto se explica pela necessidade da existência de um conhecimento compartilhado para que o leitor consiga interpretar o que o escritor produz, o humor se constrói nesse paralelo entre o real e o conhecido. Pouco, ou nenhum efeito teria ao se empregar termos completamente desconhecidos do público leitor. Para Lage (1996: 02), faz-se humor, quase sempre, com coisas sérias, porque é a desqualificação do sério uma fonte poderosa do humor, o que se questiona é o pensamento razoável e o pensamento crítico.

Em:

- (1) A nossa capa é uma fotografia exclusiva do sr. Janio Quadros, que como Napoleão e D. Quixote, tem a sua montaria predileta. “E-gualicho” é o nome do jericó janino. (p. 05)

o termo comparado é *Janio Quadros* e os termos comparantes *Napoleão e D. Quixote*. O autor comenta a capa do Almanhaque em que aparecia Janio Quadros montado em um burrico, representando ‘a jumentalidade da época’. Janio Quadros havia derrotado Adhemar de Barros na eleição para o governo de São Paulo e iniciava sua carreira para a Presidência da República do Brasil, onde iria substituir Jucelino Kubitschek. Observe-se que, em (1), ao comparar Janio Quadros (político) a Napoleão (personagem da história) e D. Quixote (personagem da literatura), o Barão ridiculariza o primeiro, visto que os termos comparantes são reconhecidos como dois ‘doidivasas’, dois personagens que ao invés de representarem os ideais de coragem e lucidez, representam o devaneio e o desequilíbrio.

DEPARTAMENTO DE LETRAS

Neste caso, a função dos termos comparantes é o de comentar o termo comparado e ajudar a caricaturá-lo.

Em:

- (2) Tudo indica que Janio, que tem mais manhas que mula de padre, a 3 de outubro deste ano tente ralizar em lombo de burro, pela via Dutra, o “raid” de S.Paulo ao Catete. (p. 05)

o autor dá continuidade ao comentário iniciado em (1), agora o termo comparante está na forma de uma expressão feita que faz parte da cultura popular. O efeito cômico, além de latente, evidencia o desprezo do Barão por Jânio Quadros: o que na cultura popular é interpretado como “as manhas de mula de padre” é usado para comentar o comportamento, as próprias manhas do Sr. Jânio Quadros. Novamente o efeito obtido é a ridicularização do termo comparado.

Nas construções comparativas, além de proceder a um ataque pessoal a figuras em destaque nos cenários mundial e nacional, o Barão também fazia ataques generalizados, tendo como alvo classes. Seu alvo predileto era o meio político, mas não deixou a organização da sociedade escapar:

- (3) A moral dos políticos é como elevador: sobe e desce. Mas em geral, enguiça, por falta de energia, ou então não funciona definitivamente, deixando desesperados os infelizes que confiam neles. (p. 125)
- (4) Na sociedade dos animais irracionais, a organização da família é mais decente do que entre os chamados racionais. (p. 103)
- (5) Houve um tempo em que a construção de um lar era coisa definitiva na vida de um homem. A casa era sólida e os móveis pesados, tinham cheiro de eternidade. O sujeito casado entrava para ali como numa prisão colonial, para nunca mais sair, confortando-se apenas com a idéia muito vaga de um dia festejar as bodas de diamante, rodeado de bisnetos. (p.151)

Em (3), a comparação atinge a classe dos políticos. O movimento realizado pelo elevador é usado como comentário à moral dos políticos. No entanto, esta é defeituosa, “enguiçada”. Em (4) e (5) a comparação tem como alvo a organização da família. Em (4), revela-se um tom moralista, visto que o que está em jogo é a pretendida decência da sociedade. Pode-se dizer que esta comparação antes de ser risível é chocante uma vez que rompe com os conceitos de racionalidade e superioridade humanas. Em (5), o cômico surge pela criação da situação caricaturizada, ao se comparar a constituição de um lar com a entrada em uma prisão.

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

No “Almanaque” há também comparações que não atacam nenhum grupo específico, mas sim revelam o comprometimento ideológico do Barão e o humor surge, muitas vezes da relação óbvia estabelecida pela comparação:

- (6) A sombra do branco é igual a do preto. (p.143)
- (7) Os que desejam engordar, entretanto, são em muito maior número que o que querem emagrecer. É isto é natural, por que o número de subnutridos e subalimentados é muito maior do que o das pessoas bem instaladas na vida, que almoçam e jantam razoavelmente, pelo menos duas vezes por semana. (217)
- (8) Não deves desejar a morte de teus inimigos. Nos dias atuais, com os preços que estão marcando os gêneros de primeira necessidade, a vida é, para muita gente, castigo maior do que a morte. (219)

Não se pode, contudo, esquecer que nem só de política o humor do Barão era feito. O público deleitava-se com um repertório de piadas descomprometidas e nem sempre originais. Ou seja, o Barão também praticava o humor pelo humor. Neste sentido, muitas comparações simplesmente servem ao riso do que ao crítico-risível:

- (9) A diferença que existe entre crocodilo e um caimão está na dentadura. Os dentes do crocodilo cruzam-se entre si amontoam-se uns sobre os outros, como passageiros em pé, ao passo que os do caimão são direitos e alinhados, como as dentaduras postiças que nós usamos. (p.170)
- (10)O violino, segundo a opinião dos técnicos em acústica, é o instrumento cujo som mais se aproxima da tonalidade da voz humana. Um violino mal tocado é tão irritante como o choro de uma criança com dor de barriga. (p.155)
- (11)Em termos de biologia comparada, então pode-se dizer que o violino está para o violoncelo assim como a lagartixa está para o jacaré, ou que o violoncelo está para o rabecão, assim como o lagarto está para o crocodilo.(p.155)

O Barão também destacou-se como um frasista, não perdendo a oportunidade para criar um dito, dar uma lição filosófica e criticar através da sátira e do jogo de palavras. Entre suas frases consagradas há as seguintes comparações:

- (12)É preferível ter fósforo na cabeça a ter uma cabeça de fósforo. (p.166)
- (13)Meu amor é puro como Frei Angélico. (p.175)
- (14)Meu amor é espiritual como a divina arte (p.176)
- (15)Comer com pinça é o mesmo que pretender tomar sopa com garfo. (p.178)
- (16)Quando o ruim fica bom está pior do que nunca. (p.48)
- (17)O caminho é sempre maior do que o caminho. (p.33)

DEPARTAMENTO DE LETRAS

CONCLUSÃO

Pela análise procedida pode-se mapear uma tipologia para as construções comparativas produzidas pelo Barão de Itararé. As comparações podem ser divididas em dois grupos: as comparações crítico-risíveis e as comparações risíveis.

As comparações crítico-risíveis são as que revelam um humor comprometido com as convicções ideológicas de Aparício Torelly, atingem tanto pessoas quanto organizações sociais. As comparações risíveis não possuem comprometimento crítico, sua função é fazer rir. Em ambos os casos pode-se identificar tema e comentário, o comentário serve para ‘comentar’ o tema, tanto de forma a qualificá-lo quanto a ridicularizá-lo. A escolha, especialmente do termo comparante (comentário) é que funciona como o gatilho que aciona o humor, pois tanto as propriedades a ele associadas quanto a quebra de expectativas provocam o cômico, pois o raciocínio que estava sendo desenvolvido de repente toma um rumo inesperado ou absurdo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERGSON, H. *O riso-ensaio sobre a significação do cômico*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.
- FIGUEIREDO, C. *As duas vidas de Aparício Torelly: O Barão de Itararé*. Rio de Janeiro: Record, 1988.
- KLEIBER, G. *La sémantique du prototype*. Paris: PUF, 1990.
- KONDER, L. *O Barão de Itararé*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- LAGE, n° *O texto de humor*, 1996. (mimeo)
- TAYLOR, J. *Linguistic categorization– prototypes in linguistic theory*. Oxford: Clarendon Press, 1991.
- VOGT, C. *O intervalo semântico*. São Paulo: Ática, 1977.